

Entrevista

Uma análise da Odontologia brasileira atual e o papel dos meios de divulgação¹

Por Fernando Luiz Brunetti Montenegro

Lilian Castilho

Lilian Castilho - Como o senhor enxerga o momento atual da Odontologia dentro de sua área de atuação e das outras, se possível mencionar referente às outras?

Fernando Luiz Brunetti Montenegro - A situação para a Odontogeriatrics no Brasil está “engessada” por conta do MEC não a ter inserido até hoje como matéria obrigatória na grade curricular mínima das Faculdades de Odontologia Brasileiras: isto faz com que não se forme um “movimento contínuo de formação profissional” das Universidades para os consultórios dentários. Face aos dados demográficos brasileiros e mundiais isto é um enorme contrasenso, pois a área precisa de estímulo oficial para crescer, fazendo com que um dia a especialidade seja exigida em concursos públicos, gerando um mote contínuo que, infelizmente, até hoje não ocorreu. Por ser uma área muito nova (foi definida como especialidade pelo CFO em 2001) ainda não tem a desenvoltura, per si, das cadeiras clínicas clássicas e isto precisa mudar urgentemente, para podermos bem atender o enorme desafio do número de idosos que se vislumbra em nosso país.

LC - O senhor acredita que mudanças se fazem necessárias para a evolução da profissão e dos profissionais? Quais seriam essas mudanças e quais as dicas para que elas possam se realizar?

FLBM - Nos grandes centros, onde o número de Convênios, Empresas e Dentistas credenciados é muito significativo, buscar conseguir um pagamento mais digno, uniforme entre convênios e tipos de planos, reajustado nos mesmos percentuais dos planos de saúde, reajustados anualmente para os pacientes. Claro que tal benefício deve ser estendido à todas as cidades brasileiras. Os convênios são necessários para atender parcelas importantes da população trabalhadora, mas a remuneração aos dentistas precisa ser mais digna e baseada em custos reais e atuais dos profissionais, em cada região do país, e não baseada apenas no dia em que o convênio começou a funcionar, o que pode ter sido há muitas décadas. Também o aviltamento do plano

¹ Entrevista publicada na Revista Dentistry Brasil. 4 (48);10-11, Agosto 2012 e encaminhada para publicação por Fernando Luiz Brunetti Montenegro. www.dentistry.com.br

odontológico ao ser “dado gratuitamente” (ou quase) a quem compra um plano médico, e deve ser considerado como algo muito nocivo à nossa dignidade profissional. Voltar a termos só pacientes ditos particulares, ainda que seja um louvável desiderato profissional de todos os colegas, está se tornando algo impossível de ser conseguido nos dias atuais, e este movimento rumo ao credenciamento em convênios segue tendências mundiais para os empregados em empresas.

LC - Ainda em relação às mudanças, o senhor acredita que elas podem vir a partir de qual comunidade? (Governo, profissionais, faculdades, veículos de comunicação...)

FLBM: Buscando abordar adequadamente sua abrangente pergunta:

Governo: Deve impedir a criação de mais faculdades de odontologia, e agir com firmeza para um controle de qualidade mínimo (teórico e prático) de quem vai sair dos bancos universitários. O exame de proficiência poderia ser uma parte deste caminho.

Conselhos Regionais de Odontologia: O Exame pós-formatura poderia ser um bom caminho, depois que escolas estivessem com um *ensino semelhante e nivelado* na prática. Caso contrário, só vai gerar a criação de “cursinhos pós-formatura para passagem no exame do CFO”, o que seria mais uma aberração criada nos moldes do que ocorre no exame das OABs.

Faculdades: Uma urgente mudança curricular e a presença de clínicas integradas, desde o 2º ano de graduação, com mais professores de *cada* disciplina clínica contratados, pois muitas vezes o próprio assistente, por ser até de uma cadeira básica ou não ligada a uma área clínica, acaba realizando procedimentos que se contrapõem ao que foi (ou está sendo) ensinado pela Disciplina oficial daquele assunto, o que causa grande confusão no preparo do estudante, e que o vai influenciar, certamente, por toda sua vida profissional, pois “foi assim que ele aprendeu na clínica da Faculdade”.

Profissionais: Devem ter em mente que ser um dentista é ter um perfil de classe média (isto para os *bem* sucedidos), e não de milionários, com ilhas particulares e carros de meio milhão de reais. Colegas assim existem, mas em minoria e não devem ser vistos como o objetivo real e tangível a ser conseguido no padrão da odontologia atual, e digo isto com muita tristeza.

Uma dica real: se interiorize: vá para lugares com poucos colegas e fuja das grandes cidades. Tente ser o “doutor dentista” da cidade e não mais um, nas listas dos dentistas credenciados...

Veículos de Comunicação: Devem estar focados em agir informando os pacientes *preventivamente*, por todas as formas possíveis, integrando imprensa televisiva, digital, radiofônica, empresas odontológicas e faculdades de odontologia, num movimento de conscientização para que os pacientes realmente saberem como cuidar de suas bocas, em termos preventivos, para começarmos a ter boas gerações odontológicas de pacientes nas próximas décadas.

LC - Qual é a importância da comunicação, seja ela jornalística científica, interna ou segmentada, para o crescimento da Odontologia e dos profissionais de uma forma geral?

FLBM- É total, mas deve ser integrada para benefício aos pacientes e não somente aos donos de veículos, donos de empresas e dentistas: seu mote final devia ser o paciente, usando o que de melhor cada uma destas áreas pode oferecer a eles. As revistas científicas deveriam ser encampadas por empresas jornalísticas para maior facilidade de publicação de artigos e da difusão efetiva do conhecimento apresentado por maior número de dentistas. De nada adianta uma revista ter profundidade científica, mas chegar a poucos profissionais: melhor seria que mais profissionais conhecessem sobre o que aqueles autores descobriram numa *linguagem acessível* à maioria dos colegas dentistas, pois o linguajar de artigos científicos, mesmo escrito por professores dentistas, não é “palatável e/ou acessível” à média dos dentistas formados, e que se distanciaram do mundo acadêmico. Esta ponte “didática” deveria ser o mote dos futuros professores universitários: fazer com que os artigos que escrevem sejam “decodificados” na linguagem técnica do dia-a-dia dos colegas. Mas é preciso cuidado nesta divulgação não ser “chapa branca”, seguindo o interesse comercial das empresas que usam os produtos lá apresentados, e sim que sejam informes técnicos entre colegas, sem esta ingerência do viés empresarial, que ocorre até em muitas publicações científicas atuais em todo o mundo.

LC - Ainda em termos de comunicação, literatura, quais podem ser considerados os conteúdos mais relevantes que são, devem ou podem ser abordados por revistas segmentadas à Odontologia?

FLBM: Os veículos devem manter a versão impressa, digital e rádio/televisiva, buscando chegar aos diferentes públicos que busca atingir, dentro da classe profissional considerada. Pesquisas de opinião constantes com seus leitores assíduos (e não assíduos) ajudam a alcançar estes diversos públicos mais diretamente. Um conteúdo científico, com informes sobre produtos, técnicas e da classe, do Governo (de aplicação odontológica real e imediata), e da área social da profissão, no meu modo de ver, criam um veículo extremamente agradável aos colegas, porém os professores universitários podem reclamar de uma parte comercial imiscuida na científica e de uma não indexação ou de um baixo fator de impacto. Para tudo é preciso um meio termo e buscar servir a ambos os mundos - o científico (porém com textos mais leves e objetivos como falei acima) e o comercial (anúncios, produtos) e os técnicos (indexação, fator de impacto, artigos não interrompidos “visualmente” por anúncios.). Colunas clínicas, voltadas a profissionais no dia-a-dia, podem ser bem interessantes também

LC - Como os profissionais enxergam os veículos de comunicação para ajudar o desenvolvimento do profissional, e seus materiais, de modo geral?

FLBM – O “drama” é este: boas revistas científicas têm aquele linguajar técnico-científico característico, que só é bem aproveitado por professores (uma minoria, mas que são “fazedores de opinião”) e sub ou nada aproveitados pelo dentista clínico que não viva no ambiente universitário. O grande desafio parece ser buscar uma linguagem que una a qualidade científica (credibilidade

do autor e da Revista também), a informes para aplicação clínica prática real ao dentista (até num próximo paciente a ser atendido no dia de hoje). Isto é o difícil de se conseguir! Todos sabem como é complexo fazer bons professores escrever coisas “para o clínico geral, numa linguagem mais coloquial”, e isto não vai ter qualquer uso em seu currículo universitário - que garante o seu emprego, e o obriga a ter publicações também em outras línguas - e com o tempo acabam não colaborando mais. Mas existem muitos clínicos, e que não são professores, mas que podem ter muito a nos contar da sua lide diária com dezenas, centenas e milhares de pacientes ao longo de suas vidas clínicas.

LC - O que os profissionais da Odontologia podem esperar dos veículos de informação, principalmente os científicos?

FLBM - Como dito, professores querem publicar em revistas indexadas e de bom fator de impacto (até internacionais), mas a linguagem destas não é adequada ao clínico geral. Também o apoio prático e real, dos meios de comunicação, em projetos preventivos odontológicos em consultório, ou em seus empregos, poderiam ser boas motivações para aglutinar colegas que não sejam professores junto a algo que serviria para todos os seus pacientes.

LC - Como as divulgações de trabalhos científicos podem colaborar para o crescimento dos profissionais e das pesquisas no Brasil e no mundo? Há mesmo uma repercussão favorável em relação a isso?

FLBM - Os termos dos artigos científicos de pesquisas precisam ser “reescritos” quando se pensa no dentista clínico geral. Se ele tivesse tido um treinamento efetivo de análise e interpretação de textos científicos, nos últimos anos de graduação, talvez pudesse ler os artigos de pesquisa na sua formatação e textos originais. Mas, como isto não acontece em 90% das Faculdades brasileiras há de se ter uma reescrita, uma “tradução” para o clínico, inclusive porque muitos bons artigos são em inglês técnico, o que um dentista, clínico geral, não é obrigado a dominar para se graduar. A repercussão e o espalhamento das informações, trabalhadas para os públicos a que se destinam, é sempre algo muito válido a se considerar. Muitas vezes um dentista de uma região afastada do país se aproveita de algo que passa despercebido a um dentista de cidade grande, porque ele tem acesso a muitas informações e precisa de tempo para separá-las e aproveitá-las adequadamente. Além disto, os sites científicos odontológicos vem se tornando, cada dia mais, um elemento de “espalhamento” de informação, como os professores jamais imaginaram em sua vida acadêmica. Talvez estes sites fossem um bom caminho para tornar mais palatáveis os excelentes trabalhos científicos que produzem há décadas e décadas.

LC - Qual o impacto que o senhor acredita que os veículos de comunicação (dentre eles a Dentistry Brasil) oferecem para mudanças de comportamento para a classe odontológica e para a própria comunidade em geral?

FLBM - A mudança de comportamento é sempre muito lenta e gradual, mas alguém tem de ousar e começar a buscar este meio termo entre ciência e

informação técnico-classista. A Dentistry Brasil tem buscado isto desde sua criação, e reuniões constantes com seu conselho editorial talvez pudessem fazer aparecer novos rumos nestas tratativas. Alunos de graduação e dentistas recém-formados também deveriam fazer parte destes Conselhos Editoriais, bem como clínicos gerais de destaque e que não fossem professores universitários. Um nivelamento de “egos”, feito pela Cia Editora, ao início dos trabalhos, poderia tornar estas reuniões mais produtivas do que só um encontro anual de colegas. Gostaria, sinceramente, que minhas filhas, pudessem ver esta nova Odontologia delineada muito rapidamente nestas respostas acima.

Data de recebimento: 06/10/2012; Data de aceite: 17/10/2012

Fernando Luiz Brunetti Montenegro - Mestre e Doutor pela FOUSP. Responsável pela Saúde Bucal Centro de Saúde Escola Paula Souza e Casa Ondina Lobo. E-mail: fbrunetti@terra.com.br.

Lilian Castilho - Jornalista e Editora Responsável pela Revista Dentistry Brasil.